



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **TRILHANDO CAMINHOS, DESENHANDO IDENTIDADES: UM “OUTRO” QUILOMBO E SUAS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO ÉTNICO**

Flavia Querino da Silva<sup>1</sup>; Emily Alves Cruz Moy<sup>2</sup>; Ana Angélica Leal Barbosa<sup>3</sup>

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia*

*[flaviaquerino4@hotmail.com](mailto:flaviaquerino4@hotmail.com); [emilymoy@hotmail.com](mailto:emilymoy@hotmail.com); [aabarbosa@uesb.edu.br](mailto:aabarbosa@uesb.edu.br)*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo investigar de que forma as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar influenciam na construção/representação da identidade étnica de estudantes quilombolas e não quilombolas da Escola Reunida Barroso. A escola está situada no quilombo Barroso localizado na zona rural do município de Camamu/BA. A proposta é discorrer acerca das relações de pertencimento e memória existentes na comunidade. Buscamos de forma etnográfica entender como se configuram essas relações tomando como técnicas a observação participante, entrevista e análise documental. E os instrumentos utilizados foram registros em diário de campo, celular, câmera fotográfica e filmadora para as gravações em áudios e imagens. Para atender o objetivo foram observados a Escola Reunida Barroso, a comunidade Barroso, e o Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio, lugares que serviram de base para interpretação da relação de pertencimento étnico que permeia entre a comunidade, num sentido coletivo, a escola e seus membros.

**Palavras-chave:** Relações Étnicas, Identidade Étnica, Educação Escolar Quilombola, Quilombo, Pertencimento Étnico.

---

<sup>1</sup> Autora. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – bolsista pelo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal – CAPES , graduada em Pedagogia (UNIME – Itabuna) e especialista em Psicopedagogia (ISEO – Itabuna).

<sup>2</sup> Co-autora. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bacharel em Administração e especialista em Antropologia com ênfase em cultura Afro-brasileira.

<sup>3</sup> Orientadora. Doutora em Ciências Biológicas pela UFPR. Professora Plena do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, que tem como objetivo investigar de que forma as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar influenciam na construção/representação da identidade étnica de estudantes quilombolas e não quilombolas da Escola Reunida Barroso.

Neste artigo a proposta é discorrer acerca das relações de pertencimento étnico existente na Comunidade Quilombola do Barroso. E para entender como se configuram as relações étnicas na comunidade, em visita de campo para observação e diálogo informal tivemos acesso a Escola Reunida Barroso e a comunidade, momentos que na oportunidade mantivemos contato com dois professores, alunos, a líder comunitária, a parteira, a rezadeira e o Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio, lugar que servirá de base para nos ajudar a entender a relação de pertencimento étnico que permeia a comunidade e seus membros.

O ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas precondições do olhar, na medida em que o pesquisador esta preparado para eliminar todos os ruídos que lhe parecem insignificantes (Cardoso de Oliveira, 2000, p.21).

Ao contrário do que já fora evidenciado durante os primeiros contatos em diálogo informal e entrevista com a líder da Comunidade Quilombola Pimenteira, também situada no município de Camamu/BA, a comunidade Pimenteira tem 01 escola e as famílias tem tido dificuldade em aceitar a comunidade como quilombola, apesar de ter tido várias reuniões para esclarecimento acerca da certificação.

Após diálogos alguns pontos foram destacados como importantes para pensar: a comunidade Pimenteira não têm energia elétrica, é a comunidade que têm maior distanciamento geográfico com a sede do município, não é fácil o acesso, os estudantes que saem para estudar o Ensino Fundamental II na sede ou desistem de estudar ou estabelecem novos vínculos e casam-se para morar na cidade e continuar estudando, e ainda tem tido um número significativo de êxodo rural dos jovens para as capitais do Espírito Santo e São Paulo, abandonando a relação de pertencimento com o lugar e com a perpetuação das tradições



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

familiares. Neste sentido, é relevante atentar ao que Lévi Strauss (1978) aborda em seu livro Mito e Significado:

(...) Creio que há certas coisas que perdemos e que devíamos fazer um esforço para as conquistar de novo, porque não estou seguro de que, no tipo de mundo em que vivemos e com o tipo de pensamento científico a que estamos sujeitos, possamos reconquistar tais coisas como se nunca as tivéssemos perdido; mas podemos tentar tornar-nos conscientes da sua existência e da sua importância (p.10).

Dentre alguns aspectos tidos como agravantes entre as comunidades quilombolas Pimenteira e Barroso, torna-se evidente as questões: Afirmção Identitária x Negação; Distância x Proximidade em aspectos geográficos para acesso à sede; Acesso às novas tecnologias x Privação de acesso; Comunidade reunida com vila x Inexistência de vila; Influências do Catolicismo x Protestantismo; Museu do Quilombo x Necessidade de Manutenção das raízes. Estes foram alguns pontos destacados na análise comparativa entre as comunidades quilombolas, o que favorece a construção deste artigo, que pretende elucidar a importância da restituição da memória e da história através do pertencimento étnico dos membros da comunidade Barroso.

Agora, nos vemos imersas numa comunidade quilombola que apresenta em todos os seus espaços os traços marcantes de sua ancestralidade. Nesse contexto, ancestralidade significa “manutenção, continuidade e expansão da tradição de valores, linguagens, instituições.” (LUZ, 2013 p.108).

## 2. Comunidade Quilombola Barroso

Escolher um caminho para chegar ao objetivo proposto, é mais que cortar estradas e cruzar fronteiras, é se permitir sentir o cheio da paisagem, o chão da terra e ouvir as inúmeras histórias vivificadas na memória de um povo que andou e anda milhões de milhas em suas idas e vindas.

Para Silva (2000, p. 88), cruzar fronteiras, por exemplo, pode significar simplesmente mover-se livremente entre os territórios simbólicos de diferentes identidades. “Cruzar



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fronteiras” significa não respeitar os sinais que demarcam – artificialmente – os limites entre os territórios das diferentes identidades.

E assim, iniciamos o nosso trajeto até a comunidade Barroso, situada na zona rural do município de Camamu, “a viagem obriga quem viaja a sentir-se ‘estrangeiro’, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o ‘outro’” (Silva, 2000 p.88). Apurar o olhar etnográfico para entender, mesmo que de relance as perspectivas do olhar nativo.

Ao chegar à comunidade, entre flores, árvores e jardim, avistamos a Igreja Católica que tem a festividade do Divino Espírito Santo no mês de maio. Ao lado da Igreja, a Escola Reunidas Barroso que tem uma pracinha onde, segundo o professor, os alunos brincam e são desenvolvidas atividades lúdicas.

A comunidade é composta por 35 famílias que, segundo a líder da comunidade, tem suas terras herdadas de seus familiares e perpassadas entre gerações. Algumas manifestações culturais persistem ao tempo, como o samba de caboclo, que nos anos passados ocorria e durava até três dias, agora existe um trabalho em construção para que o samba seja reinventado através das crianças da comunidade.

Um ponto relevante é a valorização do trabalho manual, a comunidade tem um grupo de 12 mulheres que participam da associação de mulheres do Baixo Sul, elas atuam na criação de galinhas terra, na confecção de cocadas, na produção de polpas de frutas e na produção de bonecos de argila.

A presença do colorido é expressão viva nas plantas, caqueiros, flores, no tecido que cobre as mesas, as cortinas, as salas de aula, o jardim. E o que dizer do interior das casas? Um misto de tradição e contemporaneidade. Ao entrar, bonecos de argila, a máquina de costura, a foto de família nas paredes, os ovos de galinha terra nas cestas das cozinhas, as imagens dos santos, e em meio à estes elementos simbólicos, a TV, o som, o computador, os celulares. Logo, “os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”. Entretanto, o espaço pode ser “cruzado” num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou via satélite”. (Hall, 2006 p. 42). É a presença concreta e simbólica de um diálogo entre o passado e o presente, um contato com a ancestralidade através de elementos que reavivam a memória e alimentam o legado.

Para Ecléa Bosi (2003):



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O retrato de casamento na parede, a folhinha, os cromos em que a natureza e o homem convivem felizes, os retratos dos ausentes, de um irmãozinho morto há vinte anos...Aquilo que é a essência da cultura, o poder de tornar presentes os seres que se ausentaram do nosso quotidiano (p.161).

A presença dos retratos de formatura também fazem parte do contexto das salas, representam a satisfação de ter o acesso à escola, um marco presente nas comunidades rurais e quilombolas, uma vez que, o acesso à educação desde a vinda dos europeus para o Brasil, foi negado, aos negros, mulheres, crianças e deficientes.

Na observância dos diversos espaços que dão vida à comunidade é possível identificar o cuidado e a preocupação dos mais velhos com os mais novos, na manutenção das raízes, no cuidado com a natureza, na perpetuação das manifestações culturais, no reconhecimento ao lugar que vivem. Cada lugar representa um pedaço da história, com suas lutas e conquistas, o que para a líder da comunidade, são histórias de nossos ancestrais que não podem se perder em meio às novidades do mundo moderno.

“Mas essas transmissões só se realizam através de relações interdinâmicas e interpessoais, envolvendo os mais velhos e os jovens, numa dimensão pedagógica que apela para códigos e formas de comunicação genuinamente africanos, resultando em ensinamentos profundos”. (LUZ, 2013 p. 118)

A oportunidade de sentar à mesa da cozinha e comer juntos é uma experiência que evidencia o cotidiano do comer, dos costumes, da forma de transformar a natureza em alimento, a galinha da terra criada no quintal de casa, o suco da polpa de fruto cupuaçu, são composições da mesa das famílias da comunidade quilombola. Para Silva (2000, p. 43),

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias.

O ato de comer vai além do alimentar o corpo, é carregado de simbologia. Oferecer comida ao visitante simboliza acolhimento, reconhecer no “outro” alguém próximo. Só abrimos as portas da nossa casa a quem confiamos, só convidamos a sentar a mesa aqueles a quem nos identificamos. Nesse caso, comer junto é tomar parte.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O corpo enquanto lugar de fala e pertencimento apresenta elementos que diferem uma cultura de outra. A líder da comunidade relatou a sua experiência de afirmação da sua negritude e ancestralidade, não só na luta e reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, pelos elementos e vestígios encontrados ao longo da vivência e experiência na comunidade, mas, ao assumir os seus cabelos crespos, a sua forma de vestir, de falar de andar, são elementos concretos e simbólicos, marcadores, que remetem ao pertencimento étnico como também sua ligação com a terra e suas raízes. “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.” (WOODWARD, 2000 p. 56).

Para Silva (2000),

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder (p.82).

O jornal *Fala Comunidade*, é uma iniciativa dos jovens da comunidade do Barroso, que contou com o apoio financeiro do Serviço de Assessoria à Organização de Serviços Rurais (SASOP), e desde o ano 2012 já foram realizadas 3 edições, neles os jovens abordam a importância da agricultura familiar e da educação social, dos problemas socioecológicos que afetam a comunidade, bem como a festividade religiosa, o grupo de dança e as propostas futuras para a instalação da rádio. Por meio do jornal os jovens da comunidade demarcam suas fronteiras, afirmam e reafirmam seu pertencimento com a comunidade e suas relações de poder.

As iniciativas em evidencia pelos membros da comunidade remetem a pensar na resistência enfrentada pelos negros desde o processo de escravização. A manutenção da dança, das comidas, das festas são elementos de tradição africana que, mesmo com todo processo de tentativa de dizimar a população negra após o período da abolição, não pode apagar da história do Brasil, a presença e a importância dos africanos para construção da nação brasileira.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### **3. Escola Reunidas Barroso**

É preciso pensar os lugares constituídos de memórias, permeados de histórias de vida e que refletem a multiplicidade de identidades que definem quem são as pessoas que convivem no lugar enquanto espaço comunitário, lugar de relações sociais e trocas simbólicas.

A Escola Reunidas Barroso funciona no período diurno, atende estudantes da comunidade quilombola e alunos de outras comunidades não quilombolas. A modalidade de educação é multisseriada, logo, o professor, atua em período matutino com os estudantes do 1º e 2º ano e no período vespertino com o 3º ao 5º ano. O Núcleo Administrativo e Pedagógico é situado no distrito de Travessão que atende a Escola Reunidas Barroso e mais outras 12 escolas da zona rural localizada nas intermediações do território.

O espaço físico da escola é definido da seguinte forma: 02 salas de aula (uma funciona com aulas semanais, e a outra sala funciona três dias na semana com as oficinas do Programa Mais Educação), 01 cozinha e 01 banheiro. Na área externa tem um espaço que as crianças usam como campo para jogar bola, baleado e outras atividades, e tem a pracinha onde desenvolvem as festividades e o recreio em dias de sol. A presença de pneus no entorno das plantas, representa, segundo o professor, um trabalho desenvolvido na escola de preservação da natureza.

O quadro funcional da escola é composto por: 01 professor, 01 monitora do Programa Mais Educação; 01 auxiliar de serviços gerais (merendeira e limpeza).

Em relação às turmas que a escola atende, em observação simples, pudemos evidenciar a presença de um número expressivo de meninos na classe, este dado foi confirmado pelo professor que sinalizou a presença de 24 estudantes, sendo eles: 19 do sexo masculino e 05 do sexo feminino; e do total, 10 estudantes não pertencem à comunidade quilombola.

Neste primeiro momento tivemos a oportunidade de nos apresentarmos a turma dos estudantes do matutino, e assim como todo primeiro encontro, este não foi diferente, permeado de curiosidades, expectativas entre ambas as partes – relação pesquisadoras-



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estudantes-professor – logo, pudemos observar a prática pedagógica do professor e sua relação com os estudantes. Quando convidadas á falar, nos apresentamos e estabelecemos um primeiro diálogo, nesse momento, reforçamos a importância de nos apresentar, situar o nosso local de origem, o nosso propósito com a comunidade e saber o nome de cada um dos estudantes, tão logo, fizemos registros escritos e fotográficos, com a permissão do professor.

Dentre alguns aspectos que intitulamos como importantes para pensar, o nome dos estudantes nos chamou à atenção, são nomes incomuns á tradição, como por exemplo, lá não encontramos nenhum estudante com os nomes: Francisco(a), Antônio (a), Joaquim, Maria, José, Lúcia, Ana, João. Este aspecto será um dos elementos que buscaremos futuramente compreender em nossa pesquisa na escola acerca da identidade étnica dos estudantes.

### **3. Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio**

A memória é um fator preponderante para a permanência da tradição. O Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio nasceu da doação de uma moradora da comunidade e de seu esposo, que tinham o mesmo desejo: deixar um legado na comunidade do Barroso que contasse a história do lugar através dos objetos, imagens e fotografias de famílias da comunidade. O nome do Centro é em homenagem ao proprietário da casa Sr. Daniel Docílio, que viveu sua vida na comunidade, de média estatura, negro, foi agricultor rural, gostava de vestir-se com ternos, usava chapéu, carregava sua mala e sua bolsa tira-colo de couro.

O Centro Quilombola do Barroso Daniel Docílio é um lugar onde o silêncio não tem vez, e a voz dos moradores é demonstrada através dos objetos, imagens, fotografias e das histórias contadas com muita satisfação de seus antepassados através da líder e das pessoas responsáveis pela manutenção do espaço e da recepção de visitantes. Segundo a líder, a comunidade já recebeu estudantes de outros países que desenvolvem pesquisas na área de Biologia e fazem intercâmbio no Brasil. Logo, se o silêncio não faz parte do cotidiano, a tradição é perpassada de pais para filhos e netos. Para Luz (2013):

É um grande equívoco pensar a ancestralidade como uma carga genética! Ancestralidade não é apenas uma sucessão genética. (...) A ancestralidade se caracteriza por representar as lideranças comunitárias que se dedicaram em vida ao bem-estar da família, linhagem, comunalidade, através da





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

manutenção e preservação dos valores e linguagens que sustentam o bem-estar e destino individual e coletivo. Ancestral é, portanto aquele ou aquela que em vida deu continuidade e garantiu expansão da memória da sua comunalidade. Os ancestrais são lembrados e consagrados para depois, em outro plano da existência, continuar protegendo a existência e promovendo a alegria de sua gente (p.121).

O Centro Quilombola é o lugar onde mora a tradição, tudo é muito simbólico e os objetos são permeados de significados. Ao começar pela casa que é mantida em sua originalidade, casa de taipa, com os cômodos conservados, os tapetes de esteira. Ao entrar, é possível encontrar elementos simbólicos como os quadros de fotografia de família, as imagens no Altar de Santo, os jarros de barro, os instrumentos utilizados para o trabalho – como tesoura de cabeleireiro, pente, uma arca que guarda os discos de vinil utilizados pelos mais velhos nas festas, a radiola, a máquina de datilografia, as porcelanas, uma mala que guarda os livros de literatura de cordel, outra mala guarda dinheiros de épocas passadas, uma lata com moedas, a Bíblia, o barquinho de madeira feito à mão para as brincadeiras na infância, as máquinas de fazes café, impressar as massas na cozinha, dentre outros. E assim, é possível ir identificando vários objetos que representam as formas de vida dos antepassados.

É importante sinalizar que, no museu existem peças que representam a vivência dos negros na comunidade, como as peças manuais utilizadas para o trabalho, enxadas, serrotes, arguidá de fazer farinha de mandioca, potes de vinhos, caldeirões datados com mais de 150 anos de existência. Segundo Ricouer (2007, p. 48) “porque amanhã será preciso não esquecer...de se lembrar. Aquilo que [...]chamaremos de dever de memória consiste essencialmente em dever de não esquecer”.

Ainda no Centro Quilombola existem novos elementos já inseridos pelas novas gerações, são as fotografias que remetem à memória os fazeres do tempo presente. São as apresentações de samba de roda, as festas do padroeiro, as visitas de estrangeiros, a exposição dos jornais *Fala Comunidade*. Para Pollak (1989, p.12):

Para que nossa memória se beneficie das dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre



ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Em visita realizada ao Centro Quilombola do Barroso, a líder da comunidade sinalizou que todos os objetos que fazem parte do museu, foram doações feitas pelas famílias da comunidade, e também, objetos que foram encontrados ao longo dos anos e que foram introduzidos por fazer parte da vivência dos antepassados.

Mediante ao que foi descrito acerca do Centro Quilombola é possível pensar nos enlaces da memória coletiva das famílias da comunidade quilombola, que reconhecem a importância de guardar os objetos que representam as sua ligação com a ancestralidade. Logo, a função do “não-dito” não tem espaço, pois, os objetos representam as histórias de vidas silenciadas no passado, as pessoas da comunidade reconhecem suas raízes, e querem que seus filhos e netos e gerações futuras saibam que a comunidade Barroso é terra que no passado foi abrigo dos primeiros negros que viveram em Camamu. Ao contrário do que sinalizou Pollak (1989), na comunidade, as razões políticas do silêncio em querer poupar os filhos dos sofrimentos dos pais não tem espaço, pois a memória aqui é um elemento chave na transmissão via a história oral contada pelos mais velhos aos mais novos.

### **Metodologia**

A metodologia utilizada para realização deste artigo se aproxima da visão etnográfica, que “é uma maneira de estudar as pessoas em grupos organizados, duradouros que podem ser chamados de comunidades ou sociedades” (ANGROSINO, 2009 p.16). Logo, ao realizar a visita de campo nos apropriamos do uso das técnicas de observação, entrevistas, diálogos informais, registros fotográficos e filmagens, além de ter utilizado a internet, por meio das redes sociais para trocas de informações com os membros da comunidade. E os instrumentos utilizados foram registros em diário de campo, celular, câmera fotográfica e filmadora para as gravações em áudios e imagens. Os sujeitos da pesquisa foram membros da comunidade: dois professores, a líder e uma senhora (rezadeira) da comunidade.

### **Resultados e discussão**



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Este artigo teve como objetivo discorrer acerca das relações de pertencimento étnico dos moradores da comunidade quilombola Barroso.

Muito mais que descrever as relações de pertencimento de um lugar, é preciso estar aberto a acolher as novidades que fogem ao nosso arcabouço teórico de pesquisa. São as entrelinhas da pesquisa, o fato de estar em campo nos dispõe de elementos que, ao estar fora dele, não conseguimos capturar. Para Cardoso de Oliveira (2000, p 19),

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualiza-lo.

É importante salientar a importância deste trabalho não só para as discussões que permeiam a etnicidade, identidade étnica e pertencimento étnico das comunidades quilombolas, mas, para o fortalecimento dos povos de tradição, que não tiveram suas vozes e seus escritos inseridos na memória oficial do país. Um silêncio que não partiu, neste caso, dos povos subalternizados, mas, das classes dominantes que sempre ditaram as regras.

### **Conclusão**

A história do negro no Brasil desde o século XIX sofreu silenciamentos e tentativas de extermínio, o que seria uma forma de apagar da memória uma realidade que não condizia com as teorias de eugenia e formação do povo brasileiro. Todavia, muitas foram as formas de mascarar a realidade posta, e a pergunta era: O que fazer com eles? Onde colocá-los? Os negros precisavam ser retirados na história do país que eles mesmos construíram a suor e sangue derramados. E para corrigir os erros do passado, não tão distante, depois de tantas atrocidades, entre o final do século XIX e início do século XX, é possível nos deparar com os escritos de Gilberto Freyre, que seu livro Casa Grande e Senzala apresenta as relações de passividade entre senhores e escravos.

O mito que se estendeu e ainda perdura nos discursos da sociedade brasileira, que insiste em negar as problemáticas vivenciadas pelos negros desde o período da escravização.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Assim, muitas pessoas acreditam que o Brasil é o país da miscigenação racial, o país onde negros, brancos e índios viveram e vivem em harmonia, onde os direitos são iguais e postos na Constituição. E que Marilena Chauí em seu livro *Brasil Mito Fundador* nos evoca a pensar os semióforos que nos dão a impressão de sermos uma nação que vive a unidade. Mas, os Movimentos Negros desde a década de 70 não desistiram de lutar em busca dos direitos que por muitos anos foram negados aos negros.

No entanto, espera-se que este tema discorrido no artigo possa servir como aporte para outros estudos acerca do pertencimento étnico das comunidades quilombolas e que venha a favorecer a (re)significação de comunidades que não aceitam ser reconhecidas como quilombolas, negando suas raízes e pertencimento étnico.

### REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante** / tradução José Fonseca; Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOSÍ, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo. Editora UNESP, 2000. 220p.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. 1ª ed.: abril 2000. 110p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. Lamparina, 2006.

LUZ, Marcos Aurélio. LUZ, Narcimária C.P. Educação na Perspectiva da Ancestralidade Africano-Brasileira. p. 105-123. **In.: Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores**. / Maria Aparecida Santos Correia Barreto...[et al.] (organizadores). – Vitória, ES: EDUFES, 2013. 225 p.

OLIVEIRA, Eliene Dias de. TEDESCHI, Losandro Antonio. **Nos Caminhos da Memória, nos Rastros da História: Um Diálogo Possível**. Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS, Vol. 2, n. 4, 2011, p. 45-54.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RICUPERO, Bernardo. Cap. III Gilberto Freyre. **In. Sete Lições sobre as interpretações do Brasil.** p. 76- 100.

SILVA. Tomaz Tadeu da. (org.); HALL. Stuart; WOODWARD. Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** 15ª Edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2000.

STRAUSS. Lévi Claude. **Mito e Significado.** Coletivo Sabotagem. 1978.